

Sinedei de Moura Pereira

Doutorando em economia aplicada pela Unicamp e professor da UFCG

A economia da Amazônia: 1827-1940

O objetivo da pesquisa foi examinar a economia da Amazônia no período de 1827 a 1940. A interpretação desse período como um “ciclo econômico” extrativista vegetal e com uma estrutura produtiva de economia colonial é analiticamente insuficiente, pois, assim, se obscurece a relevância da magnitude da riqueza produzida tanto para a região, quanto para o Brasil. A questão fundamental do trabalho foi entender por que todo esse processo histórico amazônico não conseguiu constituir um complexo econômico, como o que ocorreu com a economia de São Paulo.

As principais conclusões do estudo foram:

- a) No período 1827/1940, a economia da Amazônia gerou uma magnitude de riqueza material acumulada no montante de \$ 6.477.584 (seis milhões, quatrocentos e setenta e sete mil, e quinhentos e oitenta e quatro) contos de réis e cerca de 40% do valor das exportações do país.
- b) O processo histórico amazônico não conseguiu constituir um complexo econômico face às determinações externas e internas de sua economia.
- c) Sob a ótica externa, o principal entrave decorreu da própria constituição e vicissitudes do setor externo da economia primária mercantil extrativista de borracha da Amazônia. E a queda dos preços externos da borracha revelou a vulnerabilidade econômica regional, vez que a economia não respondeu com inovação técnica e nem com aumento de produtividade na atividade. Isso é assim porque a inserção internacional de uma economia regional primária exportadora e subdesenvolvida tem os seus movimentos de expansão ou de retração (ou depressão), determinados por preços e quantidades demandadas dos países capitalistas desenvolvidos, quando a variável dinâmica consiste nas exportações.
- d) Sob o prisma dos determinantes internos, uma cesta de problemas explica porque a economia da Amazônia não conseguiu promover nem uma diversificação produtiva, nem constituir um complexo econômico.
- e) Em primeiro lugar, houve falta de autonomia da economia para internalizar o excedente econômico regional.

- f) Em segundo lugar, a razão consistiu na existência de uma ampla rede fluvial na região, mas, também uma elite local desprovida de visão acerca da importância de uma infra-estrutura econômica como condição fundamental de competitividade regional.
- g) Em terceiro lugar, o fato da demanda de alimentos ter sido geralmente suprida através de importações.
- h) Em quarto lugar, a economia da borracha não proporcionou um campo atrativo para inversões industriais expressivas.
- i) Em quinto lugar, a economia do extrativismo da borracha não realizou a dissolução completa entre o produtor direto e as condições objetivas do processo de trabalho, em face da sujeição e subordinação do seringueiro ao seringalista, e, por isso, não introduziu a relação social de produção básica do capitalismo na região, isto é, o trabalho assalariado.
- j) Em sexto lugar, a economia primária mercantil e extrativista de borracha da Amazônia, sob o conseqüente domínio do capital mercantil e sua apropriação de parcela significativa do excedente gerado, vai obstaculizar um processo de acumulação de capital local, que consiga ser internalizada para a ampliação da capacidade produtiva regional.
- k) A Amazônia e a sociedade brasileira consumirão cerca de oitenta anos para que a idéia da necessidade de se implementar uma política estatal de reforma agrária, em área de floresta tropical brasileira, como forma de amenizar a heterogeneidade social regional, formulada por Euclides da Cunha, seja socialmente reivindicada pelos dominados seringueiros. Todavia, como se fez notório, logo os proprietários de terras reagiram a essa bandeira, pois eram contrários a qualquer tipo de política distributiva de terra em área extrativista. O desfecho deste embate, como usualmente se propala no agro brasileiro, consistiu, de um lado, numa ação violenta e autoritária resultado do agir da camada social dominante e proprietária de terra; de outro lado, num indignado protesto dos seringueiros, vez que um dono da floresta os fizera sentir um sabor acre de morte em terra amazônica.